

História e Ciências Sociais: teses para uma discussão (1990)

Simon Schwartzman

Universidade de São Paulo

1. Não é possível falar do relacionamento entre "história" e "ciências sociais" como se tratasse de duas coisas bem definidas e nitidamente distintas uma da outra; na realidade, tanto uma expressão quanto outra pode significar um mundo de coisas distintas, e a superposição entre ambas tende a ser bastante grande.

2. Para efeito da discussão, no entanto, podemos definir a "história" como a disciplina que busca estudar eventos únicos e datados, e "ciências sociais" como disciplinas que estudam fenômenos possíveis de serem generalizados. Em outras palavras, a história seria "ideográfica", e as ciências sociais, "nomotéticas". A partir destas definições, eu diria que história sem ciências sociais é impossível, e que as ciências sociais são possíveis, mas de modo precário, sem história.

3. A história é impossível sem ciências sociais pela simples razão de que todo o conhecimento é feito por comparação ou contraposição a outro; ou seja, existe sempre um elemento de generalização, seja para definir determinado evento como único e excepcional, seja para defini-lo como parte de uma regra ou conjunto mais amplo. É claro que estas comparações e contraposições podem ser feitas de maneira mais ou menos implícita, por referência a teorias sociais bem estabelecidas ou, simplesmente, a conhecimentos ou noções de sentido comum. Faz parte da cultura profissional do historiador "deixar os fatos falarem por eles mesmos", e não fazer uso de teorias sociais complicadas. Eu diria, no entanto, que existem sempre teorias sociais implícitas, e quando elas são pobres, ou triviais, a historiografia resultante em geral também o é.

4. As ciências sociais podem existir sem história, no sentido de que existem muitos fenômenos sociais que se repetem com frequência, e podem ser estudados enquanto tal. Teorias organizacionais, estudos de psicologia coletiva, estudos de diferentes formas e alternativas de sociabilidade, toda a gama de comportamentos e estruturas resultantes da ação econômica, teorias de conflito e negociação, movimentos coletivos, tudo isto existe, comporta teorias explicativas bastante elaboradas e não triviais, e tem pouco a ver com o que fazem os historiadores.

5. A precariedade das ciências sociais a-históricas torna-se evidente quando o objeto de estudo são fenômenos que não chegam a ser únicos, mas que também não se repetem infinitamente no tempo e no espaço. Eu diria que este tipo de temas são o que há de mais interessante nas ciências sociais, e é em relação a eles que a abordagem de tipo histórica torna-se insubstituível. Estou me referindo a temas como o surgimento e as transformações da ética capitalista, a evolução do movimento operário, o surgimento e a estabilidade dos regimes democráticos, a abolição da escravidão e a introdução do

trabalho assalariado, a crise do estado de bem estar social, e assim por diante. Temas como este necessitam um tratamento comparado, para se tornarem inteligíveis; mas as comparações se limitam sempre a um conjunto pequeno de experiências históricas (dois, digamos que no máximo 6 países ou épocas), cada qual requerendo uma análise historiográfica cuidadosa.

6. As ciências sociais necessitam da história por uma outra ordem de razões. O tipo de linguagem desenvolvido pelas ciências sociais, e o tipo de evidências e conceitos que elas utilizam, tendem a ser frequentemente especializados e técnicos, no melhor dos casos, ou simplesmente áridos, nos piores. Os historiadores, por outro lado, têm uma tradição de "escrever bem", de valorizar o texto e o estilo literário. Esta diferença tem a ver com os diferentes públicos das duas disciplinas. Historiadores tradicionalmente escrevem para públicos mais amplos, enquanto que os cientistas sociais, ao incorporar o modelo organizacional das ciências naturais, tendem a escrever mais para seus próprios colegas de profissão. Na medida, no entanto, em que esta "cientifização" das ciências sociais chega a seus limites, a linguagem técnica e especializada passa a tornar-se um obstáculo à comunicação mais ampla - e é aqui que o cientista social, frequentemente, se volta para a história.

7. A questão dos limites à "cientificização" das ciências sociais é complexa, e não poderia ser tratada aqui com muito detalhe. De qualquer forma, é possível assinalar que, na medida em que os cientistas sociais se preocupam em atingir públicos mais amplos, e na medida em que suas preocupações o aproximam de temas com maior densidade histórica e menor generalidade, seu instrumental estritamente analítico começa a se mostrar insuficiente, a abordagem comparada adquire cada vez maior importância, e, com ela, a história.

8. Não consigo ver, em conclusão, aonde pode estar o perigo das relações entre a história e as ciências sociais, a não ser no sentido de que não pode existir mais, hoje em dia, nem o historiador que ignora as teorias sociais que utiliza de forma implícita, nem o cientista social que pretenda dizer algo relevante sobre sociedades complexas, sem o apoio da história.